

INTERFACE ENTRE MEMÓRIA E LEITURA

Pedro Nunes de Castro¹

Rosângela Gabriel²

RESUMO

Leitura e memória são realidades que se coadunam, na medida em que são interdependentes. Esse artigo nasce a partir de uma afirmação de Ivan Izquierdo, neurologista e especialista em memória. Ele assevera que a leitura é a forma mais completa de exercitar a memória. Buscamos subsídios, essencialmente na Psicologia Cognitiva, para entender essa categórica afirmação. Relacionamos alguns aspectos sobre o processamento de textos, e classifico as memórias conforme a função, o conteúdo e o tempo de duração. A partir disso, delineamos a interface comum e intrínseca entre essas duas realidades.

Palavras-chave: Leitura. Compreensão. Memória. Esquecimento.

1 INTRODUÇÃO

“Os vícios da memória são também virtudes, elementos de uma ponte através do tempo, que permite que façamos uma ligação da mente com o mundo”.

Daniel Schacter

Segundo Ivan Izquierdo (2004), a leitura é um dos meios mais eficazes para exercitar a memória. Na obra *A arte de esquecer*, ele ratifica a afirmação dizendo que no momento da leitura exercita-se a memória verbal, visual, de imagens e motora.

No presente artigo, analisamos a assertiva acima mencionada e buscamos subsídios para ratificá-la. Para isso, utilizaremos estudos panorâmicos sobre leitura, da

área da psicologia cognitiva e psicolinguística. O objetivo é desvelar essa interface. São realidades que se interpenetram, como vimos, mas queremos auscultar a intensidade com que isso ocorre. Esse é o mote principal do artigo.

Para isso, abordamos primeiramente alguns aspectos sobre a leitura. Na segunda seção, expomos elementos relacionados à memória e, por último, a conjugação e interdependência de ambas.

2 ASPECTOS SOBRE LEITURA

Leitura é uma palavra corriqueira, mas para nos aproximarmos de seu significado, será útil uma análise minuciosa. Segundo a etimologia, provém do latim *legere* e tem como significado contar, colher e roubar. O sentido de contar está ligado à aprendizagem da leitura na qual o aprendiz soletra, separa as sílabas. A segunda acepção remete a buscar algo já acabado. A terceira, roubar, por sua vez, denota autonomia do leitor e também subversão. Sua leitura ocorre à revelia do escritor (PAULINO et al., 2001).

A última acepção, segundo nossa análise, é a mais completa, pois contempla de forma integral os fatores envolvidos nessa ação. O leitor se coloca numa situação de igualdade com o escritor, é o agente principal dessa ação. Com as suas particularidades desvenda as particularidades, do texto, tornando-se co-autor. Para Dell'Isola (2001, p. 28), “a leitura é produzida à medida que o leitor interage com o texto”. Além disso, para ser concretizada plenamente, deve estar acompanhada de compreensão. Se não houver compreensão, não se pode afirmar que houve leitura (DELL'ISOLA, 2001). Parafrazeando Mário Quintana, eu diria que analfabeto é quem 'lê', mas não entende o que leu. Leffa (1996, p. 10) amplia ainda mais a análise sobre esse tema: “A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra”. Quando se lê a palavra 'cachorro', lembra-se de um cão. A palavra é mera representação. Leffa (1996, p. 10) faz uma analogia do ato de ler: “Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.” Sendo assim, ler é aparentemente simples e essencialmente complexo. Pelo fato de o leitor proficiente já ter

automatizado muitos procedimentos, a leitura ocorre de forma inconsciente, e o aparato cognitivo acionado durante essa atividade permanece no nível inconsciente. Lencastre corrobora:

O processo de compreensão da leitura é um processo construtivo e dinâmico, que requer atividade mental complexa por parte do leitor e não um simples armazenamento da informação do texto. O sujeito é um construtor do conhecimento em vez de ser um simples receptor de informação. É o leitor que cria o significado do texto baseado não só no texto, mas também na informação que já possui. (LENCASTRE, 2003, p. 91)

Entre os conhecimentos necessários para o êxito na leitura estão o lingüístico e o extralingüístico. No primeiro está, incluído, precipuamente, o sintático, o lexical, o fonético e o semântico. O conhecimento extralingüístico é o que conhecemos sobre o mundo, a cultura na qual estamos inseridos (KLEIMAN, 2004). Esse último é determinante para a composição do esquema e para fazer as inferências durante a leitura. Esse tema será abordado ainda nesta seção. Mas, antes disso, é importante elencar quais mecanismos usamos no momento da leitura.

O processamento da informação ocorre por meio de duas formas, *bottom-up* e *top-down*: respectivamente, das partes (letra, palavra, frase) ao todo (texto completo), ou do todo às unidades menores. Porém, esses processos não ocorrem isoladamente. Essas duas formas se inter-relacionam simultaneamente, não havendo prioridade de uma sobre a outra (COLOMER et al., 2002).

Voltamos agora aos conceitos de esquema e inferência que mencionamos anteriormente. Esquema é o conhecimento que temos antes de baixarmos os olhos sobre o texto. Conforme Kato (1987, p. 102):

Um esquema é uma teoria *prototípica* do significado, porque corresponde ao significado de um conceito codificado em termos de situações ou eventos típicos, ou normas que instanciam esse contexto. Nesse sentido, os esquemas representam mais um conhecimento do sujeito do que uma definição. (Grifo da autora)

O esquema é formado, portanto, do conhecimento que está armazenado na memória de curto ou longo prazo e, no ato da leitura, esses dados são ativados. Segundo Leffa (1996, p. 44), “de acordo com a Teoria dos Esquemas, a leitura não é nem atribuição nem extração de significado, mas resultado de interação adequada entre os

dados do texto e o conhecimento prévio do leitor”.

Através do esquema, o leitor se localiza. Ao pegar um texto jornalístico sob o título *Pena de Morte*, ativa-se o esquema presente a respeito desse assunto. Criminalidade, punição, cadeira elétrica. Com esse conjunto de dados, inicia-se a leitura. Todavia, se a primeira frase for esta: *A previdência brasileira está matando os idosos, por omissão, ao aumentar a burocracia...* Nesse instante, outro esquema será ativado, pois o primeiro não correspondeu ao assunto do texto. Isso é o que propicia a compreensão em leitura. Leffa (1996, p. 38) corrobora: “Sem o acionamento de um esquema, a compreensão não é possível.”

O esquema faz-se acompanhar da inferência. As inferências são possíveis porque os esquemas nos fornecem informações relacionais que ativamos quando há lacunas no texto e, a partir dos esquemas que possuímos, podemos gerar inferências, preenchendo-as. Segundo Dell'Isola (2001, p. 44); “inferência é, pois, uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas”. Vou usar um exemplo, através de 3 frases.

- a) A professora foi ao restaurante.
- b) Após o almoço ela tinha um compromisso importante.
- c) A audiência com o reitor foi antecipada.

Ao ler esses 3 períodos, pode-se inferir que a professora foi ao restaurante almoçar e que o compromisso importante era a audiência com o reitor, conquanto nenhuma dessas informações estejam explícitas. Infere-se assim porque no esquema restaurante está presente almoço. Também pode ser colocado como compromisso importante a audiência com o reitor, pois no esquema “audiência com o reitor” está presente como características prototípicas que não ocorre todos os dias, que esse é um momento importante, de relativa formalidade, etc. A professora poderia ter ido ao restaurante falar com alguém e o compromisso importante poderia ser depois da audiência. Percebemos, assim, que os esquemas são flexíveis e vão-se modificando no decorrer da vida, em consequência de experiências e leituras diferentes. Além disso, um esquema é uma estratégia para a construção de sentidos, sem garantia, no entanto, de ser infalível! Gabriel (2005, p. 178) lembra ainda que “o leitor reestrutura seus esquemas

mentais, assimilando o conhecimento novo, e chegará ao próximo texto com um conhecimento prévio diferente”. A citação de Einsenck (1994, p. 287) ratifica o conceito de inferência. “Uma das circunstâncias mais comuns nas quais inferências tendem a ser feitas é quando uma frase implica claramente alguma coisa que não está dita de forma explícita.” Portanto, é indispensável, ao inferir, o apropriado conhecimento de mundo. Esses são alguns pontos essenciais implicados na leitura. Na seção seguinte, fazemos uma explanação geral sobre memória, uma vez que a compreensão dos mecanismos envolvidos nela está intimamente ligadas aos esquemas, inferências e conhecimento prévio.

3 MEMÓRIA: UMA VISÃO GERAL

Segundo Ivan Izquierdo (2002, p. 9), “memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações”. As memórias são formadas por células, denominadas neurônios e evocadas por essas mesmas células, que formam redes se interconectando umas às outras. Essas conexões são chamadas de sinapses. Segundo o autor, as memórias, tanto na aquisição como na evocação, sofrem forte influência das emoções, nível de consciência e estados de ânimo (IZQUIERDO, 2002). As emoções são determinantes para o bom funcionamento da memória, tendo como grande inimigo o estresse. Explanamos, na seqüência, as classificações de memória, quanto à função, quanto ao conteúdo e ao tempo de duração.

Quanto à função, há a memória de trabalho, também denominada memória *on-line*. Funciona no instante em que a informação está chegando à mente, na hora em que estamos numa palestra, na aula, lendo algum texto. Dura, no máximo, três minutos e não produz arquivos, ao contrário da memória de curta e de longa duração. A memória de trabalho serve para lembrar algo dito há poucos segundos, por exemplo, o número do telefone da universidade. A pessoa guarda esse número até discá-lo, depois descarta-o. Ela é a porta de entrada da informação, o gerenciador geral. Ao entrar em contato com novos dados, a memória de trabalho consulta a memória de curto e longo prazo para verificar se esses são novos e relevantes. Conforme reitera Izquierdo (2002, p. 52), “a

memória de curta duração depende do prévio processamento das informações pela memória de trabalho, assim como a memória de longa duração”.

As memórias, de acordo com o conteúdo, são denominadas procedurais, ou de procedimentos, e declarativas. A segunda está subdividida em semântica e episódica. A memória declarativa semântica guarda informações gerais, tais como regras gramaticais de português. A memória declarativa episódica grava fatos a que assistimos ou de que participamos, por exemplo, um show do artista predileto, o primeiro beijo, um eventual acidente de trânsito. São fatos relacionados a nós mesmos, é autobiográfica.

A memória procedural é a que está ligada ao saber fazer. Por exemplo, quando se aprende a andar de bicicleta, normalmente na infância, no outro dia se quer passar todo o tempo andando. O que faz com que não precisemos aprender tudo novamente no dia seguinte é a memória procedural. Nadar, tocar algum instrumento musical, ler em voz alta, enfim, são “capacidades ou habilidades motoras ou sensoriais que habitualmente chamamos de hábitos” (IZQUIERDO, 2002, p. 23).

Normalmente as memórias procedurais são implícitas, mas existem memórias declarativas semânticas que também podem ser incluídas nessa classificação, como o aprendizado da língua materna. Squire (2003, p. 187) acrescenta: “O sentimento é uma memória, com certeza, porque é baseado na experiência, mas essa memória é inconsciente, não-declarativa, além de independente da capacidade de lembrança consciente.” Esse é um exemplo de memória implícita. A distinção está em que a explícita pode ser explicada. Além disso, as memórias procedurais são menos suscetíveis ao esquecimento, enquanto as declarativas são mais vulneráveis à modulação pelas emoções. Isso não quer dizer que as memórias procedurais não sofram influência das emoções, mas a intensidade é menor.

As memórias de acordo com o tempo podem ser divididas em curta e longa duração. A primeira tem duração de até oito horas, para depois consolidar-se ou não como memória principal, de longa duração.

A formação da memória de longa duração é complexa, uma vez que sua consolidação exige tempo e depende de inúmeros mecanismos. Se, na fase de consolidação, ocorrem fatos que interferem, como alta ingestão alcoólica, traumatismo craniano, eletrochoque, essa memória poderá ser cancelada. Se um aluno estuda para uma prova, e dias depois desta não lembra mais o conteúdo, é porque a memória não se

consolidou.

Izquierdo (2002, p. 22) apregoa que “muitas memórias são adquiridas por meio da associação de um estímulo com um outro estímulo ou com uma resposta”. Podemos lembrar o célebre experimento de Pavlov, no qual, antes de dar carne a um cachorro ele tocava uma sineta. Após algumas vezes, ao tocar a campainha, o cachorro salivava, pois associava o barulho estridente com a carne.

3.1 A ARTE DE ESQUECER

“Mas a lembrança não é igual à realidade” (IZQUIERDO, 2002, p. 17). Existe uma diferença, mesmo que tênue, entre o que de fato aconteceu e o que lembramos do evento. Percebemos as coisas de um ângulo determinado, não somos onipresentes para podermos ver as coisas sob várias dimensões, além do que, alguns aspectos chamarão mais a nossa atenção. O fato experienciado será contado do ponto de vista do observador, por conseguinte, muitos aspectos serão esquecidos e ressaltados outros. Com o decorrer do tempo, essa diferença vai aumentando, vamos esquecendo mais detalhes. Inclusive algumas vezes confundindo, no tempo e no espaço, fatos parecidos.

Embora pareça estranho, o esquecimento é inerente à memória. Izquierdo e também outros autores falam no *lado adaptativo* do esquecimento. “Os leigos geralmente consideram o esquecimento como um dos mais frustrantes aspectos de suas mentes. Entretanto, numerosos teóricos da memória já mostraram que o esquecimento pode ser bastante adaptativo” (ANDERSON, 2005, p. 174). É nítida essa corrente entre os estudiosos do tema. Corroborá McGaugh, (apud Izquierdo 2002, p. 18) que “a característica mais saliente da memória é justamente o esquecimento”. Esquecer é uma arte, e os benefícios são maiores que eventuais prejuízos. O lado adaptativo sobressai precisamente nos acontecimentos desagradáveis. Gafes cometidas, vexames, velórios, se esses acontecimentos estivessem permanentemente e com todos os detalhes na memória, estaríamos destinados a viver melancolicamente.

Em situação diferente está Funes, um personagem criado por Jorge Luiz Borges, escritor argentino. O autor um conto em que o personagem principal, após um acidente, ficou com a memória 'perfeita'. Era capaz de lembrar tudo que ocorria com ele, com uma

imensa riqueza de detalhes. Para recordar um acontecimento de uma hora, ele precisava outra hora, para recordar um dia, precisava de outro dia. Funes sofria da incapacidade de esquecer, o que pode ser tão frustrante quanto a incapacidade de lembrar. Sendo assim, Funes não era capaz de pensar porque o pensamento exige abstração. “Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair” (BORGES, 19, p. 545).

É como se fôssemos a uma excursão com uma câmera filmadora e a deixássemos ligada durante todo o tempo. Se tivéssemos saído ao amanhecer e ficado na viagem até às vinte horas, teríamos catorze horas de gravação. Mas ao chegarmos em casa, editaríamos o que foi filmado, excluiríamos partes irrelevantes e provavelmente ficaríamos com apenas meia hora gravada. Isso acontece naturalmente com nossa memória, com a de Funes, não. Na seção seguinte, traçamos um paralelo entre leitura e memória.

4 LEITURA E MEMÓRIA

Embasados nas seções anteriores, é possível ter uma idéia mais apurada sobre esses dois conceitos sumamente importantes na vida humana. Pode-se perceber que estão atrelados. Mas vamos expor claramente como eles se interpenetram. Citamos a asserção que motivou o presente estudo. “A melhor recomendação possível para o exercício da prática da memória é ler, ler, ler” (IZQUIERDO, 2004, p. 51). As lembranças que temos são determinantes para a formação de nossa personalidade e temperamento, sendo que influenciam diretamente no âmbito cognitivo, emocional, social e espiritual. Sem as memórias, perde-se a identidade, pois a realidade está em constante mudança, e o que propicia estabilidade são as reminiscências. Mediante a evocação dessas, a vida reveste-se de significado e adquire orientação. Caso contrário, sequer reconheceríamos as pessoas mais próximas de nosso convívio, como familiares e amigos. Todas as habilidades que usamos no cotidiano teriam que ser diariamente reaprendidas, ou melhor, nem seria possível a aprendizagem. Izquierdo (2004, p. 110) sintetiza:

Como disse Norberto Bobbio, 'somos aquilo de que nos lembramos'. Nossa forma peculiar de ser, nossa atividade, nossos projetos futuros, nossos amores, nossas mágoas, nossos sentimentos, nossas reações emocionais, têm sua raiz naquilo que lembramos.

No diálogo platônico, *Fedro*, esse tema já está presente. Fedro é interrogado por Sócrates se a escrita não prejudicará a memória, se não a tornará ociosa. Chega-se à conclusão, nesse diálogo, de que a escrita poderá sim prejudicar a memória, poderá torná-la obsoleta, pois ao invés de evocar as recordações, bastará consultar os escritos (PLATÃO, 1973).

Aqui não se trata de contrapor a afirmação de Ivan Izquierdo à de Platão, pois ocorrem em tempos díspares. Essa dicotomização caracterizar-se-ia como um anacronismo. O que Platão defende, analisando com acuidade, é que a memória deve ser exercitada. Essa idéia é unanimemente aceita entre cientistas e especialistas do tema. Quanto mais se exercita a memória, mais ela se desenvolverá. E para a eficácia do desenvolvimento, a leitura é um exercício completo.

A citação abaixo converge com as idéias dos outros autores supracitados:

Essa faculdade humana (a memória) é de vital importância para qualquer processo de obtenção e elaboração de informação. Ou seja, é de vital importância para poder pensar, já que não se pode fazer nenhuma das operações englobadas no termo pensar a não ser a partir dos dados de que nosso cérebro dispõe em um determinado momento, uma vez introduzidos, retidos e com os programas pertinentes para poder recuperá-los quando forem necessários. É por essa razão que o estudo de como se compreende esteja inevitavelmente ligado ao estudo de como se retém. (COLOMER et al., 2002, p. 34)

Porém, não se pode identificar, em todos os casos, aprendizagem com memorização. Kintsch (1998, p. 290) adverte que há diferenças:

Existem importantes diferenças psicológicas entre aprender pelo texto e recordá-lo. Memória de texto – isto é, a habilidade de reproduzi-lo verbalmente, em parágrafo, ou resumindo-o – pode-se conseguir por um entendimento somente superficial. Em caso extremo, pode-se aprender a repetir bem o texto sem entendê-lo por inteiro. Aprender pelo texto, por outro lado, requer entendimento profundo. Eu defino aprendizado do texto como habilidade de usar a informação adquirida no texto, produtivamente, em novas circunstâncias. (Tradução nossa).³

A aprendizagem não existe sem memorização, mas a memorização não acarreta, necessariamente, aprendizagem. Pode-se saber algo decorado sem que se saiba o significado. Esse é um caso em que o memorizar está dissociado do aprender.

A memória de longo prazo, como vimos, é indispensável para a leitura. Sem essa memória, não seríamos capazes de decodificar, tampouco, entender o que está escrito. A pronúncia também não seria possível, pois pertence à memória procedural. Para que um texto seja inteligível, usamos o esquema e a inferência. E o esquema provém do conhecimento de mundo que temos memorizado.

A memória de trabalho também é determinante para entender um texto, como é comprovado:

Os processos da memória de trabalho incluem aqueles que operam sobre as palavras e outras unidades da sentença para codificar proposições, as unidades básicas do significado, e para integrar estas proposições dentro e entre as sentenças. Todos esses processos são altamente influenciados pelo conhecimento que o leitor possui. (STERNBERG, p. 92, 1992)

4.1 INTERTEXTUALIDADE E MEMÓRIAS

Na seção 3.1, vimos que a mente humana está fadada ao esquecimento, entretanto isso também pode ser positivo. Por outro lado, existem as memórias implícitas, ou seja, as que nos acompanham, mas no nível inconsciente. Apontamos isso como um dos fatores desencadeadores da intertextualidade. Segundo Kristeva (1974, p. 63), “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de outro texto”. Presença que pode ocorrer direta, mediante citação, ou indiretamente. As leituras feitas no decorrer da vida nos acompanham discretamente. E, no momento de escrever um texto, elas estão presentes. Matlin (2004, p. 181) assevera:

Vários estudos demonstram que o conhecimento básico não influi na lembrança se ela for testada imediatamente depois de aprendido o material. Contudo, depois de um atraso mais longo, o material já se integrou aos esquemas existentes; a evocação está agora alterada.

Portanto, depois de termos lido algum texto há mais de uma semana, aproximadamente, evocamo-lo inconscientemente, pois está subjacente. Mesmo que a recordação não seja idêntica ao original, este, claramente, influencia na recordação. “É bom lembrar que a base sobre a qual formamos e evocamos memórias constantemente é constituída por 'memórias e fragmentos de memórias', mas principalmente por estes

últimos” (IZQUIERDO, 2002, p. 32). A recordação ocorre através das combinações desses fragmentos. O que lemos será constitutivo do ser, embora seja impossível precisar de qual texto adveio esta ou aquela idéia. Daniel Schacter, em um dos seus livros, relaciona sete pecados da memória, entre eles o da *atribuição errada*, em que afirma que freqüentemente pessoas tomam como suas as idéias de outros. “[...] as pessoas podem, de boa-fé, reproduzir de memória, escritos ou idéias de outros indivíduos e, ‘inconscientemente’, atribuir erradamente essa criação a si mesmos” (SCHACTER, 2001, p. 137). Não é possível delimitar e distinguir a idéia original da já existente. Se não houvesse o esquecimento, seria factível discernir idéias de outrem, por mais remoto que o contato tivesse ocorrido.

Na pretensão de encerrar o artigo com uma resposta ao questionamento “por que a leitura é o exercício mais completo para o desenvolvimento da memória”, buscamos no paradigma conexionista o conceito de memória auto-associativa. De acordo com Chiele (2004, p. 65), “cada vez que um estímulo (*input*) ativar um dos neurônios da rede, toda a rede será ativada, reinstanciando a resposta (*output*), fenômeno conhecido como 'memória auto-associativa’”. Izquierdo (2002, p. 58) compartilha essa visão: “Recriar uma memória para evocá-la implica conchamar à ação o maior número de sinapses pertencentes aos estímulos condicionados dessa memória.” Esses estímulos são acionados através das memórias implícitas, que estão gravadas, e sua evocação ocorre espontaneamente. Seguindo o conceito de memória auto-associativa, conclui-se que a leitura de um texto evoca muito mais do que está sendo lido. Evocando estará fortalecendo as sinapses. Todo conhecimento prévio ativado durante a leitura é fortalecido, as sinapses são reforçadas ou o esquema é refeito. Ler não é só ratificar o que está presente, é presentificar o que está ausente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Izquierdo (2004), no momento da leitura ocorre a formulação de hipóteses constantemente. Ele exemplifica pela leitura da expressão *a brumosa manhã*. Segundo ele ao ler esse sintagma (2005, p. 53), “Vimos o mundo inteiro sem distinção de sexos, vimos a seguir o mundo feminino, árvores, mulheres, bruxas, etc. [...] forçamos nossa memória

de trabalho a pesquisar, no resto do cérebro, incluindo muitas regiões do córtex...”.

Michel Certeau (1994) assevera que ler é um exercício de *ubiquidade*, pela leitura nos transportamos para inúmeros lugares. Ler é ter o mundo às mãos e a mente no mundo. De nossas leituras advêm e convergem as opiniões, preferências, preconceitos, mágoas, amores, enfim a totalidade pela peculiaridade. Por conseqüência, somos o que recordamos e somos também o que lemos. A leitura exercita a memória, portanto ler é um encontro consigo mesmo, proporciona o autoconhecimento e aperfeiçoa o conhecimento de mundo. Nela é deflagrado o poder de trans-formar. Ler é um exercício completo, exige dedicação exclusiva e faz com que o ser humano utilize todas as suas potencialidades, como pensar, imaginar, fazer uso da linguagem, autoconhecer-se, pois, afinal, a essência do ser humano reside nisso.

INTERFACE BETWEEN MEMORY AND READING

ABSTRACT

Reading and memory are associated realities, since they are interdependent. This article is based on a statement by Ivan Izquierdo, neurologist and memory specialist. He asseverates that reading is the most complete way to exercise the memory. I, therefore, search for data, mainly in Cognitive Psychology, that reinforce this statement. In order to achieve that, I list some aspects about text processing and I classify memories according to function, content and length of time. From this point of view I outline the common and intrinsic interface between these realities.

Keywords: Reading, comprehension, memory, forgetfulness.

NOTAS

- ¹ Pedro Nunes de Castro é aluno no Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Área de Concentração: Leitura e Cognição. Bolsista PROSUP – CAPES. E-mail: pedronunesdecastro@yahoo.com.br
- ² Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (RS). Mestre e Doutor em Letras pela PUCRS, com estágio sanduíche em Ciências Cognitivas na Universidade de Oxford/ Inglaterra. E-mail: rgabriel@unisc.br
- ³ ' *There are important psychological differences between learning from a text and remembering the text. Text memory – that is, the ability to reproduce the text verbatim, in paraphrase, or by*

summarizing it – may be achieved on the basis of only superficial understanding. In the extreme case, one can learn to recite a text by rote without understanding it at all. Learning from text, on the other hand, requires deeper understanding. I define learning from text as the ability to use the information acquired from the text productively in novel environments.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, John R. *Aprendizagem e memória*. Tradução de Juliana Saad. 2. ed. São Paulo: LCT, 2005.
- BORGES, J. L. *Obras Completas*. Tradução de Glauco Mattoso et alii. São Paulo: Globo, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim F. Alves. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHIELLE, Luciana Kerber. A compreensão em leitura sob a perspectiva do conexãoismo. In: ROSSA, Adriana; ROSSA, Carlos (Orgs). *Rumo à psicolinguística conexãoista*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DELL'ISOLA, Regina L. P. *Leitura: inferências e contexto sócio-cultural*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. *Psicologia cognitiva*. Tradução de Wagner Gesser e Maria H. Gesser. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GABRIEL, Rosângela. Compreensão em leitura: como avaliá-la? In: OLMÍ, Alba; PERKOSKI, Norberto (Orgs.). *Leitura e cognição: uma abordagem transdisciplinar*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.
- IZQUIERDO, Ivan. *Memória*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- _____. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004.
- KATO, Mary. *Aprendizado da leitura*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- KINTSCH, Walter. *Comprehension: a paradigm for cognition*. Cambridge: Cambridge University, 1998.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. Campinas: Pontes Editores, 2004.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. Tradução de Lúcia Ferraz. São Paulo:

Perspectiva, 1974.

LEFFA, Wilson. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzato, 1996.

LENCASTRE, Leonor. *Leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MATLIN, Margaret W. *Psicologia cognitiva*. Tradução de Stella Machado 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

PAULINO, Graça et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

PLATÃO. *Górgias; O banquete; Fedro*. Tradução de Manuel de Oliveira et al. Lisboa: Verbo, 1973.

SCHACTER, Daniel. *Os sete pecados da memória*. Tradução de Sueli A. Gunn. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SQUIRE, L. R. ; KANDEL, E. R. *Memória: da mente às moléculas*. Tradução de Carla Dalmaz e Jorge A. Quillfeldt. Porto Alegre: Artmed, 2003.

STEINBERG, Robert. *Capacidades intelectuais humanas*. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1992.